



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7625 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 14 - Sociologia da Educação

Quem faz por merecer? Nível socioeconômico e desempenho acadêmico no acesso ao ensino superior

Adriano Souza Senkevics - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

Flavio Carvalhaes - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Carlos A Costa Ribeiro - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

### **QUEM FAZ POR MERECEER? NÍVEL SOCIOECONÔMICO E DESEMPENHO ACADÊMICO NO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR**

Estudos recentes têm indicado a persistência de forte estratificação no acesso ao ensino superior brasileiro, uma vez que a probabilidade de se alcançar o nível universitário ainda é bastante dependente das características socioeconômicas dos jovens e suas famílias (BRITO, 2014; MARTELETO; MARSCHNER; CARVALHAES, 2016). De modo geral, essas pesquisas utilizam como fonte microdados de dados transversais como o Censo Demográfico ou Pnad/IBGE. No entanto, há duas importantes limitações em se utilizar dados demográficos para a caracterização das desigualdades de acesso ao ensino superior.

Primeira, por restrições relativas ao desenho das pesquisas, os estudos limitam-se à amostra de jovens que residem com pelo menos um de seus genitores, o que impõe limites ao estudo das transições educacionais uma vez que indivíduos de idades mais elevadas tendem a sair do domicílio de seus pais (RIBEIRO; CARVALHAES, 2020). Segunda, nenhuma das pesquisas domiciliares traz informações sobre o desempenho escolar dos potenciais candidatos, mesmo sabendo-se que a trajetória pós-educação básica é altamente dependente da proficiência que o jovem adquire ao longo da escolarização (MORGAN, 2012).

Felizmente, é possível contornar essas questões. Neste trabalho, usamos dados educacionais de registros administrativos visando abarcar uma coorte mais ampla de jovens elegíveis ao ensino superior, em caráter censitário, e com variáveis socioeconômicas e de desempenho. Construímos um painel de egressos do ensino médio que cruza diferentes bases do Inep. Nosso ponto de partida é a coorte de aproximadamente 1,7 milhão de egressos de 2012, com idades entre 16 e 22 anos, definida a partir do Censo da Educação Básica. Por meio de uma chave de identificação individual, rastreamos esses indivíduos nas edições do Censo da Educação Superior de 2013 a 2017, com o intuito de localizar quais destes se matricularam em um curso de graduação no prazo de até cinco anos após a conclusão da educação básica. Depois, rastreamos os mesmos indivíduos em cinco edições do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), para incluir no painel informações relativas ao nível

socioeconômico (NSE) e ao desempenho acadêmico.

Quanto à modelagem, empregamos como variáveis de interesse a renda familiar *per capita* e escolaridade parental, como *proxies* do NSE, e a nota média nas provas objetivas do Enem. Como controle, adicionamos sexo, cor/raça autodeclarada, idade, e variáveis relativas à escola onde o egresso se formou: dependência administrativa, área urbana/rural e UF.

Estimamos uma série de modelos logit para regredir a probabilidade de ingresso no ensino superior sobre essas variáveis. Para gerar estimativas mais precisas do efeito das variáveis de interesse, incluímos termos de interação entre NSE e desempenho, seguindo recomendações de Morgan (2012). Finalmente, calculamos probabilidades previstas e efeitos marginais médios, baseando-nos em Mize (2019). Como limitação do estudo, tivemos que restringir nossa amostra aos egressos do ensino médio que haviam participado de pelo menos uma edição do Enem no período, correspondente a 71% da base original.

Do total de egressos considerados neste estudo, 68% ingressa no ensino superior no prazo de cinco anos pós-conclusão do ensino médio. No Gráfico 1, plotamos as probabilidades de ingresso segundo o desempenho acadêmico, entre três grupos de renda familiar distintos.

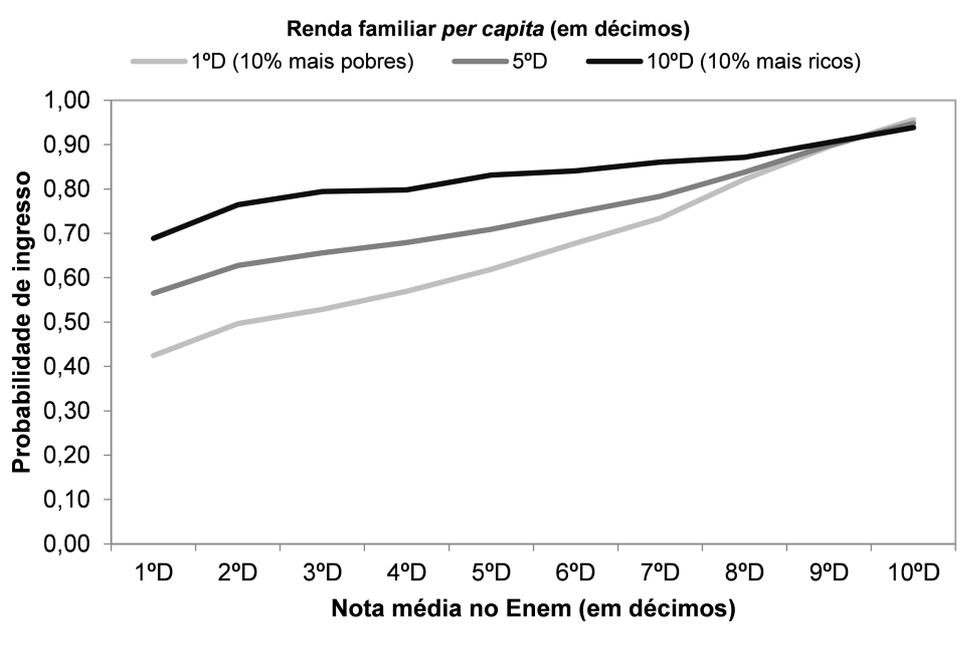


Gráfico 1 – Probabilidade de ingresso no ensino superior segundo os décimos de nota média no Enem, por décimos de renda familiar *per capita* – Brasil – Coorte 2012

Fonte: CEB, CES e Enem 2012-2017 (Inep). Elaboração própria.

Há três padrões a se observar. Primeiro, as probabilidades de ingresso no ensino superior partem de patamares mais elevados quanto maior a renda familiar: entre os jovens do 1º décimo de desempenho, a probabilidade de ingresso no ensino superior é de 0,69 se o indivíduo pertencer aos 10% mais ricos, e de 0,42 se pertencer aos 10% mais pobres.

Segundo, há forte convergência nas probabilidades de ingresso ao longo da escala de desempenho. Entre os jovens de maior desempenho (10º décimo da nota), as probabilidades de ingresso giram em torno de 0,95 para todos os segmentos de renda familiar, o que, na prática, anula os diferenciais socioeconômicos nas chances de ingresso. Evidentemente, essa constatação não implica dizer que jovens de baixo NSE terão as chances idênticas de progredir e concluir seus cursos, ou mesmo de que frequentam os mesmos cursos e instituições dos jovens de alto NSE. Por ora, desconsideramos tanto a segregação interna do

sistema, quanto as dificuldades relativas à evasão que diferenciam trajetórias pós-ingresso.

Terceiro, e mais instigante, é observar que a curva de probabilidade predita de ingresso se torna mais inclinada quanto menor o NSE do indivíduo. De um lado, quanto mais modesta a origem social, maior o efeito da nota sobre as chances de ingresso; de outro, justamente o contrário: origem social mais abastada está associada a menor efeito da nota sobre o ingresso. Esse fenômeno, descrito na literatura como “vantagens compensatórias” (BERNARDI; TRIVENTI, 2018), sugere que a trajetória de vida de indivíduos de origem privilegiada é menos dependente de seus resultados anteriores, na medida em que o elevado NSE lhes confere certa salvaguarda contra eventuais fracassos. É como se estes tivessem seu acesso ao ensino superior praticamente garantido, por vantagens outras que não o desempenho. No caso brasileiro, essa classe possivelmente se beneficia de estratégias alternativas para ingresso, como custear as mensalidades em faculdades privadas menos competitivas – portanto, menos dependente do desempenho e mais do NSE. Para jovens mais pobres, por outro lado, não há saída para o sucesso acadêmico que não passe pelo desempenho. Logo, é sobre essa classe que reside um bônus maior pelo seu próprio mérito acadêmico e, igualmente, um ônus caso este não seja alcançado.

Os passos seguintes do trabalho destinam-se em entender melhor o padrão descrito. Por meio de decomposições contrafactuais, vamos focar em cada decil da distribuição e investigar qual seria a diferença dos hiatos de probabilidade de estudantes de NSE baixo e médio comparados com os de NSE alto se: i) sua proporção nos diferentes decis de desempenho fossem iguais à proporção do grupo privilegiado; (ii) a probabilidade de ter desempenho satisfatório ou insatisfatório fosse igual ao dos estudantes de NSE alto. Essas decomposições nos permitirão ter, de forma inédita para o país, uma descrição do mecanismo de “vantagens compensatórias”, sua intensidade e suas razões.

**Palavras-chave:** ensino superior, estratificação educacional, mérito, vantagens compensatórias

## REFERÊNCIAS

- BERNARDI, F.; TRIVENTI, M. Compensatory advantage in educational transitions: trivial or substantial? A simulated scenario analysis. *Acta Sociologica*, v. 63, n. 1, p. 40–62, 2018.
- BRITO, M. M. A. *A dependência na origem: desigualdades no sistema educacional brasileiro e a estruturação social das oportunidades*. 2014. 270 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- MARTELETO, L.; MARSCHNER, M.; CARVALHAES, F. Educational stratification after a decade of reforms on higher education access in Brazil. *Research in Social Stratification and Mobility*, v. 46, p. 99–111, 2016.
- MIZE, T. Best practices for estimating, interpreting, and presenting nonlinear interaction effects. *Sociological Science*, v. 6, p. 81–117, 2019.
- MORGAN, S. L. Models of college entry in the United States and the challenges of estimating primary and secondary effects. *Sociological Methods & Research*, v. 41, n. 1, p. 17–56, 2012.
- RIBEIRO, C. A. C.; CARVALHAES, F. Estratificação e mobilidade social no Brasil: uma revisão da literatura na Sociologia de 2000 a 2018. *BIB*, v. 92, p. 1-46, 2020.